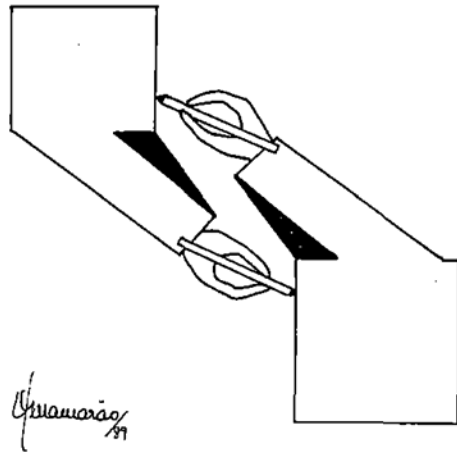


LINHA DE FRENTE

A revista Linha d'Água sempre teve um grande desafio pela frente - reunir a colaboração dos três graus de ensino e promover o diálogo entre estas esferas da educação.

A seção Linha de Frente é um espaço para o leitor definir ou redefinir as linhas da revista. Afinal o que mais importa é que esta publicação venha a atender as expectativas dos leitores frente às questões relativas à linguagem e à educação. Escreva, apresente sugestões, discuta as matérias e seja a Linha de Frente do processo editorial.

A seção começa aqui e continua no final deste número para as suas observações. Na sequência, Você...



PAULO FREIRE CONVERSA COM OS ALUNOS

Diálogo que aconteceu em 20/10/88 com Paulo Freire, atual Secretário Municipal de Educação, e os alunos de 7ª e 8ª séries da Escola Vera Cruz de São Paulo. Transcrição de Cristina Chiappini Moraes Leite

Paulo Freire - Bem, para mim é uma alegria estar aqui com vocês. Minha experiência de ensinar, vivida há muito tempo atrás, tendo como um dos resultados esse livrinho que vocês leram, foi de dar aulas para meninos da idade de vocês. Mas faz muito tempo. Fico contente que vocês tenham lido uns textos meus e vou passar esse tempinho, aqui com vocês, agora, para ouvir o que é que vocês têm a dizer e a perguntar. Se puder, eu respondo. Então, enquanto vocês não fazem perguntas eu faço uma: vocês gostam, ou melhor, estão gostando de ler? De ler esse tipo de leitura e não apenas uma revistinha ou coisa assim? Isso eu também acho que deve ser lido, não sou contra. Mas eu queria saber se vocês também gostam de ler um livro maior. Quem tem experiência disso?

Alunos - Todo mundo.

Paulo Freire - Todo mundo, porque as próprias escolas pedem isso, não é?

Aluno - Mas na obrigação, e isso não é legal...

Paulo Freire - Na obrigação...

Aluno - A gente tem que ter um livro para a escola porque estão pedindo; é diferente de ter um livro que você que quis e escolheu porque gosta... É muito mais interessante ter um livro que você mesmo escolheu do que ler um indicado pela escola.

Paulo Freire - E se a escola mudasse um pouco? Por exemplo, no lugar de mandar...

Aluna - Não acho muito interessante o que a escola dá.

Aluno - Mas todo o ano tem um livro que você é quem escolhe...

Paulo Freire - Então, uma leitura o aluno escolhe?

Alunos - Deve ter algum objetivo para os livros que a escola está dando...

-É, você não fica conhecendo só um tipo de linguagem, você passa a conhecer outros tipos pelo livro dado pela escola.

- Por exemplo, os alunos da sétima série agora, estão lendo um livro bem brasileiro.

A gente sempre lê livros de autores ingleses, americanos, etc. Acho que a maioria das pessoas estão gostando de ler esse livro.

- Eu acho que o sistema mais interessante de ler na escola é o de biblioteca circulante porque aí todo mundo vai lá, escolhe o livro que achou interessante, diz que vai ler e não é por obrigação já que ele mesmo está escolhendo, né? Então é sempre mais possível que ele goste mesmo do livro. Faz bem à cabeça de todo mundo...

Paulo Freire - O que é que quer dizer: "Fazer a cabeça de todo mundo"?

Alunos - (Risos) ... Gostar do livro. Você ler do começo ao fim, ler de verdade.

- Um livro que não faz a cabeça, você mais come folha do que lê, né?

Paulo Freire - Eu quero explicar para vocês por que é que eu perguntei. Eu tenho uma porção de razões para perguntar o que significa isso. Mas uma dessas razões é a seguinte: eu vivi dezesseis anos longe do Brasil, não sei se vocês sabiam disso. E, por causa desse negócio de ler, escrever e ensinar gente a ler e escrever também, fui afastado da universidade e tive que ir embora do Brasil. Passei dezesseis anos longe daqui, não podia nem sonhar em voltar. Mas a linguagem não pára, é isso, a linguagem não pára, há um processo constante de mudança. A linguagem vai ficando mais rica. A essa coisa chamam língua que, no fundo, é linguagem, fala. Quando eu voltei do exílio, em oitenta, eu encontrei uma expressão no Brasil que não havia antes e que é: "fazer a cabeça". Eu fiquei horrorizado com essa expressão, horrorizado pelo que ela significa. Por isso que agora quando você falou: "fazer a cabeça" eu perguntei o que é que significa "fazer a cabeça"? Vocês deram uma explicação que não me satisfaz. Para mim não é bem isso de querer ler aquele livro. O que é MESMO "fazer a cabeça"? A professora "fez a cabeça" da aluna...

Alunos - Ela expôs a sua opinião...

Paulo Freire - Ahhh!

Aluna - Convenceu... Não convenceu, mas é como no seu texto, quando você diz que ensinar a ler e escrever é um ato político. Você acaba mesmo passando o que você pensa para quem se está ensinando.

Paulo Freire - Passar o que a gente pensa... Você disse uma coisa importante. Eu queria fazer uma outra pergunta. Vou fazendo umas perguntinhas e depois eu amarro. Você disse que eu falei no livro que a coisa é passar para o outro aquilo que a gente acredita por exemplo. Será que o papel do educador é ou não esse de se esforçar para passar as coisas mesmo? Mas não passar no sentido de pegar aqui e dar pra lá, mas de convencer.

Aluna - Acho que o papel da professora é criar caminho... Porque acho que os analfabetos e, principalmente, os adultos enquanto não lêem e não têm capacidade de pesquisar e se informar para criar suas próprias opiniões, vão na opinião dos outros. Eles aceitam a imposição dos outros. Então acaba se criando um vazio. Portanto a professora te dá dados para você pensar e abrir o seu caminho, sem impor nada.

Paulo Freire - Isso eu também acho, impor nunca. Nunca! Mas eu pergunto a vocês (vamos ver se a gente consegue pegar umas sutilezas): Uma das tarefas, uma das obrigações é essa que vocês me disseram, é abrir caminho, é propor. E mostrar, por exemplo, que nesta mesa há dois gravadores, mas que além disso há uma coisa que fica escondida pra todos vocês que estão aí, ninguém está vendo, que há aqui dentro três cassetes, ou melhor, três caixas de cassetes, uma com fita e duas sem. Quer dizer, no mundo há sempre coisas escondidas, na vida há sempre coisas escondidas, e um dos papéis da educadora é chamar a atenção para essas coisas. Às vezes não é nem preciso mostrar a coisa escondida, mas é ajudar o aluno a saber que há coisas escondidas para que ele descubra. É isso que você chamou de "abrir caminhos". Mas, eu não sei se vocês concordam comigo, eu acho que tem a outra tarefa também. Eu acho que no mesmo momento em que eu proponho, em que eu mostro caminhos, eu brigo para

convencer o aluno de que eu estou certo. Vou dar um exemplo para vocês que eu encontrei. Em alguns cursos da Europa ou dos Estados Unidos, alguns professores, embora cada vez menos, que eu me lembro agora, dando sua aula, sugeriram que os negros são inferiores aos brancos. Um desses professores dizia: "Eu fico muito triste em ter que dizer isso. Eu só digo isso porque é a ciência que está provando que os negros são inferiores aos brancos. Há uma coisa ou outra em que os negros porém são melhores como, por exemplo, carregar peso no trabalho e correr". Por isso é que eles acham que, de modo geral, os negros americanos ganham o campeonato nas Olimpíadas. Se eu sou também professor e trabalho com os alunos desse professor, eu me sinto no dever de lutar para que os alunos não acreditem na ciência deste outro professor. Quer dizer, eu me sinto no dever, na obrigação de dizer que isso é mentira. E se isso é mentira é porque eu tenho outra verdade. Então, é esse o outro papel do educador, que é o de convencer, e não apenas de ficar na sua opinião e sim de mostrar que a sua opinião é mais do que opinião, é uma verdade que se pode aceitar. Não quero dizer acreditar, exatamente, por que não há verdade. Eu veria, então, como papéis e tarefas importantes da educadora a de criar caminhos e desafiar, de fazer tudo para o aluno não cochilar. Cochilar, aqui, não é só do ponto de vista físico, de verdade, é cochilar do ponto de vista de ficar desinteressado. De um lado isso: provocar, etc... E do outro, jamais se omitir. Uma educadora não pode nunca esconder-se diante dos alunos. Ela nunca pode ter vergonha de ser uma educadora. Quer dizer, ela tem que assumir-se como educadora, como quem educa. É a mesma coisa da mãe. Você já imaginou a mãe de vocês cruzando os braços, dizendo: "Eu não tenho nada que ver com isso". O pai de vocês dizendo: "Não dá bola pra esse treco não". É claro que na idade de vocês até é chato que a mãe e o pai comecem a perguntar com quem é que vocês estão saindo hoje, a que horas vão chegar... Mas amanhã vocês vão saber que essas perguntas são necessárias. Essas perguntas só começam a ser desinteressantes quando elas se transformam em instrumentos de prisão

do adolescente. Mas, em última análise, para terminar essa partezinha do papo, eu acho que o papel do professor, da professora, é mais do que simplesmente abrir caminho. É o de quem também mostra o caminho. É preciso, às vezes, que o educador tenha a coragem de assumir o dever de mostrar o caminho. Agora, eu concordo com vocês, para mim o dever de um professor democrático jamais pode ser o de quem pretende domesticar o aluno e impor a este a sua crença, a sua posição política. Por exemplo, eu sou do Corinthians em São Paulo e não tenho que ameaçar os alunos: "Ou passa para o Corinthians, ou eu dou zero!" Não pode ser isso. Ou então: "Ou acredita em Deus, ou dou quatro para vocês!". Não se pode fazer isso. Quer dizer, o educador tem que respeitar o ser, a forma que o menino e a menina estão sendo. Ok? E com relação ao livro? Em relação ao texto que vocês leram, o que vocês me colocariam?

Alunos - Eu achei interessante aquela parte em que você coloca que ler não é só assimilar as palavras. Desde quando se é criança, você colocou ler como vida. Pode ter um ler ligado a viver. Você coloca uma experiência sua, isso tudo me esclareceu e teve uma cumplicidade com relação ao que eu sentia também.

- A gente sabe o que é ler, mas a gente não sabe dizer o que é realmente. A gente até tem medo de dizer: "Não acho que ler não é só isso, é muito mais". Medo que alguém fale: "Não, mas eu não acho". Então, quando outra pessoa coloca isso de uma forma bem clara e que você percebe que é aquilo, você vê a coisa de um outro jeito, você vê que estava certo, aproveita muito mais do que antes, já que você fica sabendo claramente o que é.

- Queria falar da relação que você faz entre o ser e o ler para se poder escrever. Isso está ligado à sua experiência, à sua vivência. Você tem que escrever e ao mesmo tempo estar lendo tudo. Você está lendo e escrevendo ao mesmo tempo, né?

- Achei que você explicou bem que ler é uma coisa natural. Quando eu li, eu senti que tudo é estar lendo e que, então você já nasce lendo. Eu tinha essa coisa na cabeça

de que tinha que ter uma vivência para poder entender, que não adiantava ficarem ensinando coisas que estão fora da nossa vivência. Acho que a maioria das pessoas já tinha essa idéia. Então foi muito interessante ver a confirmação do que a gente já estava pensando no seu texto.

- O que facilitou bastante para eu entender, é que eu tenho que agrupar ler com outras decifrações que eu faço, com o que eu vejo, ouço, cheiro, toco, né? E juntar tudo. Que ler não é só correr o olho. Eu tenho que viver aquilo que eu estou lendo para poder entender.

- Sabe o que eu descobri também? Depois é que eu percebi que enquanto você está lendo as suas sensações aumentam. Se você está compreendendo aquilo que você está lendo, quando o cara fala assim: "Um campo verde, com a pessoa ali..." você não está vendo só um campo verde, você está sentindo que ele pode estar ali dentro também.

- E você pode ter um monte de coisas porque você está vivendo as coisas. Parece que você está no lugar onde está ocorrendo a história. Parece que você está dentro dela, na mesma época, convivendo com os mesmos personagens, mas você só está vendo... Você monta da forma que você assimila melhor. Cada um tem uma forma de ver os personagens, por exemplo, num determinado lugar. E, apesar do autor poder descrever inteiramente esse lugar, fica uma coisa completamente diferente para outras pessoas...

- Por isso é que eu acho legal a ilustração... Não a ilustração em si mas, como o Monteiro Lobato fazia, de desenhar não completamente. Pode ser uma coisa meio vaga, uns vultos, né? Para eu imaginar, por exemplo, uma pessoa num livro é uma coisa muito pessoal, eu não imagino que nem o desenho. Para mim é sempre um vulto...

- O filme e a ilustração impõem um pouco a cabeça do autor...

- Por isso é que é muito mais legal e muito mais interessante o livro do que o filme.

- No filme é assim, o cara que fez aquele filme é que acha que vem do livro. Você não leu e não sabe. Acho legal você assistir o filme de um livro que você leu para saber a opinião de outras pessoas, perguntar o que elas acham. Mas se você vê o filme primeiro e depois lê o livro daí fica sem graça...

- Não é como você imaginava...

- É, sem ilustração o livro não pega só o leitor pelo olho. A ilustração corta, um pouco, a imagem, a criatividade do leitor.

Paulo Freire - Vocês estão tendo também outra atividade que o colégio propõe, isto é, vocês gostam de escrever também?

Alunos - Gostamos...

- Também tem um negócio. A leitura de um livro cria obstáculos, porque quando você está lendo um livro você tem que seguir o caminho que o autor fez. Você está vivendo o personagem, tem que sentir o que o autor bolou para ele. O negócio de escrever é uma coisa muito mais ampla. Você é quem está sentindo o seu personagem, está levando ele para o caminho que você quiser.

- Mas quando alguém vai ler acontece a mesma coisa...

- Quanto mais eu leio, mais complexo fica escrever para mim. Porque as palavras vêm na cabeça mas, por exemplo, na hora que eu leio um romance e depois tenho que escrever, eu fico embaraçada, não consigo escrever. Tanto é que nesse ano eu parti para a poesia. Eu não conseguia desenvolver uma história, de tanto que eu lia, parecia que eu era meio incapaz. Ficou complexo demais...

- O que acontece também é que quando você está lendo, cada um tem seus sentimentos em cima da estória. E quando você vai escrever, por mais que você não queira, você acaba, também, querendo colocar os sentimentos que o livro te passou, ou que alguma outra leitura te passou, na sua estória. Isso fica complexo porque quando você vai escrever

colocando seus sentimentos, você acaba puxando um pouco, também, as coisas do livro que você leu.

- Conta muito o emocional, depende de você, de como você sente o livro, como você está lendo ele. Se você divide o livro em várias partes, nas diferentes partes que você leu em diferentes horas o teu ânimo estava diferente. E daí depende da forma como você monta.

- A idéia é mesmo a de um filme que você monta, porque eles te dão os personagens só que ele não te dá a imagem. Você é que monta a imagem e passa o filme na tua cabeça.

Paulo Freire - Quais são os critérios que vocês têm para achar gostoso um livro ou um texto?

Alunos - Acho que é justamente o livro conseguir passar para você o que o autor queria.

- Também, um livro que te prende...

- Não, eu acho diferente...

Paulo Freire - Não, eu quero o critério que vocês têm. Quais são as qualidades? Eu estou curioso por isso...

Aluno - Eu acho que o livro tem que se enquadrar à tua forma mesmo...

Alunos - Não!

Aluna - Eu acho que tem que ser um livro, acima de tudo, envolvente. Mesmo um drama, uma comédia...

Paulo Freire - Muito bem, então, essa é uma qualidade: Um livro qualquer desses tem que ter uma certa força de envolvimento...

Alunos - Mesmo que seja um livro comprido...

- Mesmo que você seja uma pessoa que, por exemplo, gosta só de ler livro de aventuras e vai ler um livro policial. O livro tem que ser envolvente de qualquer maneira.

Paulo Freire - Tudo bem. Agora, outra qualidade.

Alunos - Um livro pode ser cansativo para uma pessoa e não para outra, depende da pessoa...

- Pra aquela pessoa pode ser cansativo, pra outra pode não ser. Eu acho que os critérios variam muito de pessoa para pessoa.

Paulo Freire - Não, mas eu quero saber os critérios que vocês têm aqui.

Alunos - Depende do momento também.

- É isso que eu acho. Por exemplo, pode ser que eu tenha lido um romance há dez anos atrás, (dez anos atrás não dá, uns três anos atrás) que eu quis e hoje eu não quero ler, isto é, depende do momento...

- Depende de cada um ...

Paulo Freire - Eu sei, mas veja, no teu momento de hoje o que é que um livro deve ter para ti, para que tu digas: "Poxa! Esse livro é gostoso!"?

Aluna - Eu estou numa fase que eu estou a fins de ler romances.

Paulo Freire - Então ótimo, leia romance.

Aluna - Mas há dois meses atrás eu estava a fins de ler ficção científica. Eu adoro. Eu posso ler tudo, mas eu, agora, estou mais aberta a ler romance.

Paulo Freire - Pois bem, o que é que os romances devem ter para tu dizeres: "Puxa, esse romance é gostoso!"?

Aluna - Eu acho que é se ele cria, ou passa, uma imagem ilusória para mim. Eu sou mais um romance pra acabar bem do que pra acabar mal, né?

Paulo Freire - Tá ótimo.

Alunos - (Risos) É isso aí...

Paulo Freire - Olha, vocês sabem que eu tenho sessenta e sete anos e continuo, isto é, "estou mais pra isso também".

Alunos - (Risos)

- Eu li um romance agora, que acabou mal, então eu chorei uma tarde inteira. (Risos). Mas, ao mesmo tempo, foi bom...

- O livro acaba fazendo parte do leitor, né?

Paulo Freire - Mas diz outra qualidade.

Alunos - Outra?

- Ao mesmo tempo você fica com raiva do livro às vezes.

Paulo Freire - Oh, isso é bom né? (Risos)

Alunos - Eu também acho.

- O livro é bom tanto que chega a te provocar

- O livro é bom quando ele consegue mexer com você. Não adianta só passar o que o cara tá pensando, mas tem que saber passar mexendo com você.

- É, tem que provocar o leitor.

- O livro também, conforme você lê, serve muito para você começar a pensar num monte de coisas.

- Às vezes você está lendo e você se identifica com algum personagem. E você daí percebe no que você é bom, por exemplo, se você é uma pessoa legal, e no que você não é, entendeu? Então você para e pensa: "Pô!..." Eu faço isso. É o que mais te acontece.

- Também tem uma coisa bonita, que é o assunto que você está interessado. Por exemplo, se você quer aprender. Você pode pegar uma enciclopédia. Se você está interessado na segunda Guerra Mundial, você vai começar lendo, por exemplo, A Bicicleta Azul, Olga, O Sétimo Segredo, tudo sobre Hitler e depois vai, também, querer entender o que é comunismo, socialismo. Depois você está interessado em corpo humano, aí você vai ler um livro científico que também é uma coisa que prende o seu interesse...

- E, não é que nem ler uma enciclopédia...

- É importante, por exemplo, você fazer assim: pega um livro que você leu há três anos atrás e depois você vai ler aquele livro de novo...

- É outra coisa...

- Nada a ver...

- ... e daqui há dez ou cinco anos, você vai ter visões completamente diferentes daquele livro.

- Muitas vezes você relaciona o livro com você.

- Você relaciona o livro não só com você, com os seus sentimentos, mas com o que está em volta de você.

- É, com a vida né?

- Acho que o livro abre caminhos diferentes para você em outros assuntos ou mesmo nos assuntos que você já está cansado de ler

- Acho que um bom livro é aquele que alcança a sua vida, interage com a sua vida.

- Mas eu acho da mesma forma o seguinte: Quando você relê o livro, não é que a tua cabeça mudou, não é que o que passou estava errado, é que naquele momento você pegou uma parte da mensagem que você estava disposto a pegar.

- Eu acho que nunca está errado o que o livro fala. Nunca está nada errado...

Paulo Freire - Agora olha, eu quero fazer outra pergunta com relação a isso. E do ponto de vista da linguagem do autor? O que é que toca em vocês?

Alunos - Uma linguagem mais próxima da nossa...

- Não, acho melhor uma linguagem mais poética.

- Uma linguagem que tenha a ver com o livro, por exemplo, se a linguagem vem do Rio Grande do Sul...

- Isso é verdade.

- E não uma linguagem completamente diferente do momento onde vive o livro. Por exemplo, se o livro se passa na Segunda Guerra Mundial com uma linguagem do futuro não vai ter nada com o livro. E com a linguagem que estava lá, você já vai se envolver mais com o livro.

Paulo Freire - Significa, então, que a linguagem é histórica?

Alunos - É, a linguagem também concorda com o livro.

- Os livros que têm um linguagem cansativa, isto é, se você não consegue se prender à linguagem, vai ser a coisa mais difícil você se prender ao livro porque vai te cansar ler

- Eu acho outra coisa. Por exemplo, eu estava lendo *Macunaima*, e era uma coisa que tinha um monte de palavra que eu não estava entendendo nada! Aí, como eu queria entender tudo eu fiquei mais envolvido no livro. Porque era uma linguagem que não tinha nada a ver, tá certo que era o jeito do *Macunaima* mesmo, não tinha relação comigo, mas era uma linguagem que faz você ficar envolvido, você quer entender. É tipo um desafio.

- Que tem a ver com o livro, né?

- Existe interesse e falta de interesse, depende da pessoa.

- Outra coisa. Eu li *A Cor Púrpura*, e pela linguagem dela, da personagem principal, dava para entender, passava muito mais coisa para mim do que eu imaginando. Também imaginando, mas pela linguagem eu consegui imaginar coisas muito melhores, diferentes também.

- *A Cor Púrpura* é uma linguagem que não é tão gramática como a da professora.

Paulo Freire - Agora, eu quero fazer umas perguntas com relação à leitura, mas do ponto de vista, agora, do leitor, não do ponto de vista do texto. Quer dizer, eu perguntei do ponto de vista do texto o que é que vocês acham, quais são as qualidades, para vocês, de um texto e a gente já mediu. Agora eu queria perguntar

a vocês que qualidades deve ter o leitor ou a leitora para, inclusive, perceber as qualidades do texto.

Alunos - Deve estar disposto a ler...

- Eu acho que a pessoa deve pegar o livro com a cabeça aberta para ver o que ele está falando...

- Tem que estar disposto a isso, se você pega o livro sem estar disposto a ler nada, você não entende mesmo.

Paulo Freire - Muito bem. O que é que significa "pegar o livro com a cabeça aberta"?

Alunos - Você estar disposto a aprender

- Você estar disposta a receber coisas diferentes.

Paulo Freire - Isso.

Alunos - Você estar disposto para receber outras coisas e não ficar só com a sua opinião.

Paulo Freire - Então, fazendo um parentese, vocês vejam como escrever, ler, criar, exigem, na verdade, liberdade. Vejam bem, eu reconheço que há épocas em que eu não estou a fim de ler. Eu reconheço que há épocas em que eu não estou a fim de escrever. Mas, em função do meu dever, independentemente de se eu estou a fim de ler ou não, eu leio. Por exemplo, agorinha eu não estava a fim de ler e estou lendo uma tese de trezentas páginas. Por quê? Deixa eu te explicar. Porque eu sou professor da Universidade e um dos meus deveres de professor da Universidade, quando sou convocado (e é claro, não sou obrigado) para participar de uma mesa dita de doutoramento, de mestrado, de livre-docente, não importa, eu tenho o dever de aceitar e participar. E, para isso, eu preciso ler a tese da pessoa porque eu não posso arguir sem ler.

Aluno - Não, mas eu acho que se você estiver com vontade de ler, se, por exemplo, algum dia você retomar essa tese e estiver com vontade de ler, acho que vai ser diferente...

Paulo Freire - Pera lá, pera lá. Não vamos transformar a leitura apenas em gozo. Às vezes, a leitura pode até ser começada com um pouco de dor e é esse ponto de dor que, inclusive, vai provocar em mim o gosto de ter superado a dor.

Aluno - Mas mesmo assim. Mesmo numa leitura que você não goste, pode em algum momento, dependendo da parte que você recebe, ser produtiva.

Paulo Freire - Pode ser e a gente tem que fazer. Então, é isso que eu quero dizer. Porque, um professor irresponsável, por exemplo, agora quando vocês disseram: "Há um tempo em que a gente não está para ler", diria: "Ah! Muito bem! Você está certo, se não tiver pra ler, não leia não, manda o professor para o inferno!". De jeito nenhum! E um professor responsável não pode fazer isso.

Aluno - Daí alguém que não tiver vontade de ler nunca vai ler...

Paulo Freire - Nunca vai ler. Agora é claro, por exemplo, que você tem momentos em que você é você e momentos em que você continua sendo você, porém com tarefa distinta. Uma coisa é quando você, porque gosta, porque quer, porque está com gana, pega seu romance e lê. A outra, é quando você tem uma tarefa que é fundamental para sua formação, mesmo que seja chata, mas que amanhã você vai descobrir que ela era importante, que é a de ler um livro. Você vai ter que ler. Quer dizer, se você não ler, você virá irresponsável do ponto de vista de uma certa obrigação necessária. Agora, o ideal (mas a gente não vive o idealmente) é quando você junta as duas coisas. Eu acho uma maravilha! Quando eu escrevi esse texto que vocês leram eu achei uma maravilha porque, de um lado, eu gostava de estar escrevendo e, do outro, estava cumprindo uma tarefa também. E achei ótimo estar preparando um discurso para uma conferência.

Alunos - Eu acho também que não é assim, ficar esperando: "Ah, eu tô com vontade, não tô com vontade...". Tem que saber se transformar para pegar aquele livro...

- Não é só pegar um livro para ver se você

quer ou não ler. Mas você vai lendo, e você vai estar gostando daquele livro porque ele é um livro legal para você ler, por que você está na época de ler ele.

- No começo, você falou que ler era ficar aberto para receber as coisas e transformar isso. Então, é isso mesmo, mesmo que você não esteja a fins, você tem que estar aberto para ler e perceber que era bom. E você tinha mesmo que ler para perceber isso.

- Mesmo não gostando, como experiência, você termina o livro porque ele vai te trazer alguma coisa. Eu acho que você tem que localizar bem o que você não gostou, por que não gostou.

Paulo Freire - Isso...

Alunos - Então, e outra coisa, você fica muito mais aberto para os vários assuntos que você está lendo. Daí você consegue distinguir melhor os livros que você gosta dos que você não gosta.

- Entra em jogo muitas experiências próprias também, não é só o livro que você lê que traz experiências.

- Mas eu concordo que precisa ler um livro sobre algo que você goste. Porque acho que a questão é você procurar o tipo de livro que você quer ler.

- Acho que você precisa ler um pouco do que você gosta porque, quando você não gosta, você vai ter que saber o porquê...

- Não, tem que separar as duas leituras. Tem o seu dever para a escola, por exemplo, que é uma ficha, e não adianta fugir, tem que ler. Pode ser amanhã ou depois, mas você tem que ler. Agora, quando você escolhe o que você vai ler, é outro tipo de literatura, é diferente de um dever. Então, eu acho que cabe a você escolher, é uma opção tua. Você pode terminar ou não.

(Falamos todos ao mesmo tempo)

Aluna - Mesmo quando eu converso comigo, mesmo quando eu estou com vontade de ler um texto da escola, ou um livro, mesmo que aquilo não tenha sido mandado, quando eu pego para ler é

sempre um desafio, para mim, vencer a primeira página, concentrar. Depois que a gente se concentra os livros se abrem. Eu acabo me envolvendo, por exemplo, num texto de estudos sociais, ou num livro qualquer. No final das contas eu estou envolvida. Acho que mesmo em relação aos livros que eu quero ler, é sempre difícil se concentrar no começo, porque é sempre difícil você se desligar de umas coisas...

Paulo Freire - Olha, há umas coisas que a gente, para ler, precisa evitar, para ler bem, para ler sério. É uma espécie assim de demônios e de diabos que interferem na leitura da gente. Uma fixação que a gente deve ter no texto. Você deve experimentar isso também. Às vezes a gente está lendo uma página e, de repente, a gente deixa, a gente fica com o corpo na cadeira, junto à mesa e o livro defronte da gente, e daí em diante, a gente faz uma leitura mecânica. A gente continua lendo mecanicamente o texto e a gente se desloca, o outro pedaço da gente sai de dentro da gente e, de repente, a gente está numa piscina batendo papo com fulano, beltrano, ou num cinema. Quer dizer, essas fugas da leitura obstaculizam completamente a compreensão da gente. Ou a gente faz o exercício de não fugir, ou a gente perde a leitura. Isso é um sintoma de que está havendo um certo desinteresse nosso. Então, a minha sugestão quando isso ocorre é: é melhor parar a leitura e se perguntar por que é não há motivação para ler. Uma outra coisa que eu queria sugerir a vocês é que toda vez que estejam lendo um livro, um texto, e não entendam o significado de uma palavra, não esperem que essa palavra apareça de novo pra ver se, de tanto aparecer, vocês terminam entendendo o que ela significa. Consulte o dicionário. Dicionário existe para isso. Pega lá o dicionário, abre o dicionário e vai ver o que significa a palavra. Agora é meio-dia e eu queria dizer a vocês duas coisas somente. A primeira é que eu vim para aqui hoje, precisamente por essa questão da consciência do dever. É que eu passei uma noite meio ruim. Eu fiz as minhas extravagâncias e paguei um pouco, não demais, mas paguei um pouco. Comi muito camarão, esse negócio todo...

Alunos - (Risos)

- É a gula, né?

Paulo Freire - É a gula. Fiquei com dor no dedão do pé. Vocês vão saber o que é isso... Então, eu passei mal a noite. E, agora de manhã, eu vim para cá meio distante. Eu sei quando eu não estou bem. Possivelmente tu percebeste que eu não estava bem. Não dava nem para falar, conversar... Mas eu vim. Quer dizer, eu achei que seria horrível telefonar para cá e dizer: "Diga aos meninos e às meninas que eu não pude ir porque eu não estou passando bem". Eu achei que era um desrespeito a vocês e um desrespeito à escola. Eu tinha proposto isso, tinha aceito esse convite... Então eu fiz uma briga comigo. E o resto da briga é que eu estou absolutamente bem agora. Quer dizer, eu me recuperei, eu estou excelente. Não sei se de tarde eu agüento. Eu vou viajar hoje para Recife e talvez, então, eu nem sei se vou dar aula. Mas fiquei contente. Esses quarenta minutos que passei com vocês me foram absolutamente ótimos. A segunda coisa que eu quero dizer é a seguinte: Isto que aconteceu aqui é a escola, ou melhor, é um pedaço, ou é uma hipótese da escola com que eu sonho para o povo desse Brasil.

Alunos - (Risos)

Paulo Freire - O que é triste é que o exemplo que vocês me deram hoje é um exemplo de boniteza mas que desperta em mim um desejo insatisfeito: eu achei essa manhã uma coisa linda; um grupo de jovens, meninos e meninas pensando, pensando sem medo, colocando as coisas, meditando, se analisando, perguntando, dando opinião, inteligente, emotiva... Quer dizer, (puxa!) isso me dá uma alegria enorme como brasileiro. Agora, o que eu queria é que isso fosse para as massas populares, quer dizer, para as classes populares, para os meninos do córrego... Por isso é que eu sou pela escola pública boa, mas respeito a escola particular boa também. Eu quero felicitar vocês, felicitar as professoras de vocês, a direção da casa porque hoje eu acho que eu tive uma das boas manhãs, que fazia tempo que eu não

tinha, e que para mim é uma beleza isso. Como eu me sinto quase da idade de vocês...

Alunos - (Risos)

Paulo Freire - ... apesar de cronologicamente não ser, eu fiquei contentíssimo porque eu me senti entre companheiros meus, entende? Porque eu tenho vinte anos, eu tenho dezoito, eu tenho quinze, apesar dos sessenta e sete e das dores do pé.

Alunos - (Risos)

Paulo Freire - Então olha, eu quero dar a vocês o meu grande abraço, para todo mundo aqui, sem exceção nenhuma e o meu beijo, também, em vocês. Continuem assim que, afinal, o Brasil é de vocês mesmo e não dessa turma que está por aí, sem-vergonha, estragando o País. Até logo, hein?

Os alunos bateram muitas palmas e depois a professora Maria Stella Galli Mercadante contou a sua convivência com Paulo Freire e como organizou o encontro...

"Trabalhei com Paulo Freire antes de sessenta e quatro. Recém-formada em pedagogia, fiz, naqueles 2 anos, minha verdadeira faculdade de educação. Eram outros tempos, outro contexto, trabalhava com adultos analfabetos.

Hoje, envolvida com educação de 1º grau numa escola particular, convidei Paulo Freire para um contato com a equipe de educadores com a qual trabalho. Haveria

pontos de ligação entre duas realidades tão distantes?

Nesse encontro, Paulo Freire se colocou basicamente como ex-professor de português de ginásio e manifestou o desejo de se reencontrar com alunos dessa faixa de idade.

Planejamos, então, um contato com alunos de 7ª e 8ª séries. As professoras Maria Lúcia Z. de Souza e Ana M. L. Teixeira apresentaram aos alunos o texto "A importância do Ato de Ler" onde Paulo Freire coloca sua concepção de leitura. É um texto difícil para esta idade, mas os alunos conseguiram se envolver com sua leitura. Dentre os interessados, foram escolhidos alunos com diferentes níveis de dificuldade frente à leitura e escrita. Montamos um grupo de 30 alunos, responsáveis por passar para suas respectivas classes aquela experiência.

O encontro se deu no dia 20 de outubro de 88, alunos em círculo, em torno de Paulo Freire, estimulados por ele, os alunos se soltaram e expuseram suas idéias e sentimentos com relação ao processo de ler. Como bom coordenador de um "círculo de cultura", Paulo Freire sintetizava e organizava as idéias daquele grupo de pré-adolescentes ávidos de expressarem suas descobertas a partir das vivências que lhes foram significativas.

Nas classes, os alunos fizeram um relato emocionado e extremamente fiel aos seus colegas. Foi emocionante para mim, também, sentir que mais de 25 anos depois, os mesmos princípios norteadores ligavam as duas experiências".

Artigos



PENSAMENTO PRIVILEGIADO E CULTURA DE MASSAS

(Tradição e modernidade em Walter Benjamin)

Willi Bolle*

"Nosso mundo moral e político está minado com subterrâneos, porões e cloacas, como uma grande cidade, cujas relações entre os habitantes ninguém cogita..."
Johann Wolfgang Von Goethe, *Cartas 1780-1788*

Os anos de 1919 a 1933 transformaram tão profundamente a fisionomia da Alemanha que se pode falar numa revolução cultural; um padrão cultural novo chamado cultura da República de Weimar acabou suplantando o tradicional, clássico-humanista. O padrão tradicional - já abalado pela *décadence* oitocentista, como mostra a *Kulturkritik* de Nietzsche - foi definitivamente derrocado pela Guerra Mundial de 1914/18, o pós-guerra, a crise econômica e a emergência das massas urbanas. A importância da transformação também se evidencia em retrospecto, na medida em que depois da Segunda Guerra Mundial, a cultura alemã - na RFA, nos anos 60; na RDA, antes - passa a considerar como sua tradição principal não mais a herança do Classicismo e Romantismo, e sim, a Modernidade dos anos 20. Os historiadores da cultura Hermand e Trommler propõem a seguinte definição:

"Pelo conceito 'cultura da República de Weimar' entende-se, antes de mais nada, a arte que levou realmente a sério a reivindicação de 'democracia', ou seja, a presença das massas nessa República, tomando posição, ao mesmo tempo, contra tudo o que era reacionário (...) trata-se de artistas, obras e tendências que procuravam ultrapassar os conceitos estéticos elitistas da época guilhermina burguesa, através de antecipações ou realizações pioneiras que avançavam por dentro do mundo da moderna sociedade industrial de massas, a fim de cumprir suas intenções republicanas. Por isso, 'cultura da República de Weimar' significa, no melhor sentido da palavra: uma progressiva cultura das massas."(1)

A criação do padrão cultural novo de uma Modernidade alemã urbana, metropolitana - uma refundição radical da herança cultural anterior e uma luta decidida a favor do novo, com codificações literárias e intelectuais extraordinariamente fecundas - foi a obra e o

* Professor Dr. de Literatura Alemã da USP